

# I Seminário Nacional de Trabalho e Gênero

## Sessão Temática:

Desenvolvimento sustentado, arranjos produtivos locais e questões de gênero

Desenvolvimento Local e Mercado de Trabalho: Diferenciais por Sexo em Campos dos  
Goytacazes e Macaé

Érica Tavares da Silva  
Suzana Cavenaghi

# **DESENVOLVIMENTO LOCAL E MERCADO DE TRABALHO: DIFERENCIAIS POR SEXO EM CAMPOS DOS GOYTACAZES E MACAÉ**

*Érica Tavares da Silva ENCE/IBGE  
Suzana Cavenaghi ENCE/IBGE*

## **RESUMO**

O mercado de trabalho, de um modo geral, é uma das atividades sociais mais influenciadas pelas transformações econômicas e, portanto, em situação de dinamismo econômico, se esperaria mudanças importantes nas relações existentes no mercado de trabalho diante da inexistência de vieses sistemáticos. Assim, o contexto de crescimento econômico recente da Região Norte Fluminense, promovido essencialmente pela instalação de um pólo petrolífero na região, conhecida como Bacia de Campos, se apresenta como cenário importante de análise dessas transformações nas relações no mercado de trabalho de homens e mulheres. O objetivo deste trabalho é realizar uma análise a partir da população dos municípios de Campos e Macaé e sua inserção no mundo do trabalho, utilizando os microdados do Censo Demográfico de 2000, e questionando se há diferenças significativas na participação de homens e mulheres no mundo do trabalho nas duas cidades, uma vez que estas apresentam quadro de desenvolvimento e atividades econômicas diferenciadas. De modo geral, o crescimento da demanda por mão-de-obra abre maiores oportunidades de trabalho para as mulheres, no entanto, mesmo em Macaé, muito mais dinâmica economicamente, essa inserção ainda ocorre para setores segregados por sexo.

Palavras-chave: mercado de trabalho, atividade econômica, gênero

## **INTRODUÇÃO**

Realizaremos aqui uma análise do trabalho a partir da participação das mulheres e também dos homens, entendendo que o estudo deve ser conduzido a partir das relações sociais entre as categorias que constituem as diferenças, homens e mulheres, e não sobre a noção do feminino socialmente subordinado; é importante considerar que os sujeitos diferentes não são realmente idênticos, mas equivalentes.

Em uma reflexão feita no início dos anos 70, Madeira e Singer (1973), afirmam que o processo de industrialização fez a mulher parecer menos ativa, isso porque entre as principais características do processo de desenvolvimento de uma sociedade, está a separação gradativa das atividades relativas à produção de bens e serviços das demais atividades. Diante do desenvolvimento tecnológico, as atividades relacionadas à produção social passam a se distanciar espacial e temporalmente. Nesse sentido, a atividade designada por trabalho se torna cada vez mais baseada em especificidades tais como um lugar, intervalos de tempo e condições contratuais. Nessas condições de distinção entre casa e trabalho e de especialização, a mulher acabou por ficar responsável pelas atividades da casa. Os autores ressaltam também que algumas mulheres, geralmente solteiras sem estudo nem trabalho, passam a se dedicar exclusivamente ao trabalho doméstico por não conseguirem se inserir no novo processo de produção social.

Entendemos que, num primeiro momento, as transformações tecnológicas e o fenômeno da industrialização acarretam uma significativa mudança da divisão social do trabalho, o que afeta o trabalho feminino em especial. Nesse processo, a população que estava inserida em sua

maior parte no setor agrícola passa a atuar em outros setores da economia. Além disso, podemos entender também que com o desenvolvimento econômico e a industrialização, a população se dirige a ocupações mais especializadas fora da esfera doméstica; sendo assim, a participação da mulher nas atividades consideradas produtivas é menor. Mas, logo após esse momento, há um crescimento expressivo da inserção da mulher no setor de serviços. Portanto, como afirmam Madeira e Singer (1973), gradativamente, a atividade da mulher vai se tornando mais especializada e ela mais escolarizada.

Nosso foco em relação aos estudos do trabalho é a sua interface com a participação de homens e mulheres mediante contextos sócio-econômicos com relativa distinção. Segundo Bruschini (2000), mudanças e continuidades marcam a mão-de-obra brasileira como um todo, especialmente a feminina.

A discussão de gênero e mercado de trabalho, portanto, perpassa uma discussão sobre os conceitos e dados referentes à participação da força de trabalho por sexo, mas também por idade, setor ocupacional e até mesmo unidades de estudo.

O efeito das transformações econômicas e institucionais nos últimos anos no Brasil – como a Constituição de 1988, a desregulamentação do mercado interno, a privatização de estatais e a implementação de planos de estabilização, entre outras – foi bastante intenso sobre o mercado de trabalho (Machado, Oliveira e Wajzman, 2005). Segundo Bruschini (2000):

“Tais transformações têm lugar em um cenário marcado pela globalização, por uma nova organização do trabalho, e por uma reestruturação produtiva que vem provocando o declínio das formas mais protegidas de emprego, o desemprego e o surgimento de novas alternativas de trabalho, em geral sem cobertura legal. No Brasil, essas transformações da economia contribuem para acentuar a crise local, cujos sintomas principais são: a perda de postos de trabalho na indústria, a perda da qualidade dos empregos e o aumento da informalidade” (p. 55).

Sendo assim, como conseqüência de toda mudança na esfera econômica, o mercado de trabalho brasileiro também passa por significativas tensões. Os postos de trabalho apresentam crescimento, entretanto, cresce o setor informal, composto por empregados sem carteira assinada e trabalhadores por conta própria; ou seja, o mercado de trabalho conseguiu gerar novas ocupações, mas com outros tipos de relações de trabalho, como alternativas para a estagnação da economia formal, que não mais consegue absorver a mão-de-obra disponível (Melo, 2000). Dentro desse quadro, aparece também um fenômeno indiscutível – o aumento da participação feminina na força de trabalho. Na verdade, segundo Machado, Oliveira e Wajzman (2005), “o aumento da participação da mulher em várias instâncias, tais como política, social, cultural e no âmbito econômico” (p.8).

A escolha da Região Norte Fluminense para este estudo, especialmente nos municípios de Campos dos Goytacazes e Macaé, se deve às mudanças recentes principalmente da dinâmica econômica da região, devido à atuação da indústria petrolífera. Portanto, a seguir, apresentamos uma breve contextualização do norte fluminense.

## 1. DESENVOLVIMENTO E RECENTES TRANSFORMAÇÕES NA REGIÃO NORTE FLUMINENSE: CAMPOS HISTORICAMENTE INFLUENTE E MACAÉ EM ASCENSÃO

A divisão do território fluminense apresenta seis mesorregiões geográficas<sup>1</sup>, que são Baixadas, Centro Fluminense, Metropolitana do Rio de Janeiro, Noroeste Fluminense, Norte Fluminense e Sul Fluminense. A população do Estado do Rio de Janeiro está bastante concentrada na Região Metropolitana, sendo que o ritmo de crescimento de outras regiões como o Norte e o Sul Fluminense e, principalmente, as Baixadas, tem sido muito mais intenso do que o crescimento populacional da metrópole.

No Estado do Rio de Janeiro, foi se concentrando em torno da capital vários municípios que cresciam e dependiam da metrópole, uma vez que estavam integrados a ela. Essa Região Metropolitana em muito se diferencia das outras regiões do Estado. Marcam também o Estado do Rio de Janeiro um centro-sul e médio Paraíba com expressiva industrialização simbolicamente marcada pela instalação em Volta Redonda da maior siderúrgica do país, a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). Destaca-se também a potencialidade turística das regiões litorâneas do Estado ao sul e ao norte, Baía da Ilha Grande e Baixadas Litorâneas, respectivamente, além da Região Serrana do Estado. Por fim, a situação econômica do estado se completa com um norte e noroeste tradicionalmente agrícola, porém, em decadente atividade açucareira. Dentro deste último quadro, entretanto, pode-se destacar a recente dinâmica econômica no norte do estado, impulsionada pelas atividades petrolíferas na Bacia de Campos (Ervatti, 2003).

Como assinala Natal (2003), embora a Região Metropolitana ainda centralize grande parcela da mão-de-obra estadual, estudos recentes apontam um crescimento do número de estabelecimentos e, conseqüentemente, de empregos nas regiões interioranas do estado. O Norte Fluminense tem um destaque especial em todo esse processo de mudanças econômicas no Estado do Rio, diante da instalação de uma base industrial forte em um de seus municípios – Macaé – mas sendo vários deles afetados por essa atividade, principalmente pelo recebimento dos royalties.

Historicamente, a Região Norte Fluminense caracteriza-se pela sua vinculação à economia canavieira tradicional. Mais recentemente, além do açúcar, o álcool e o petróleo asseguraram-lhe o papel de uma das principais regiões do Estado. Nesta Região, destacam-se como pólos os Municípios de Campos dos Goytacazes e Macaé. Campos sempre foi considerada o “centro” da Região Norte Fluminense, sendo o município de maior destaque no período da cana-de-açúcar, e com maior número de habitantes da região e extensão territorial (Tabela 1).

---

<sup>1</sup> As mesorregiões geográficas são uma escala intermediária entre as macrorregiões e as microrregiões, constituindo uma área individualizada em uma UF, apresentando formas do espaço geográfico definidas pelo *processo social*, como determinante; pelo *quadro natural*, como condicionante; pela *rede de comunicação e de lugares*, como elemento de articulação espacial. Ver Magnago (1995).

**Tabela 1 – Distribuição da População Residente e Densidade Demográfica – Região Norte Fluminense 1980, 1991 e 2000**

Região e Municípios	População (%)			Densidade Demográfica (Hab./km <sup>2</sup> )
	1980	1991	2000	
Campos dos Goytacazes	62,3	61,5	58,2	100,6
Carapebus	1,3	1,2	1,2	34,4
Cardoso Moreira	2,9	2,1	1,8	24,3
Conceição de Macabu	2,6	2,8	2,7	46,9
Macaé	11,6	15,3	19,0	107,0
Quissamã	1,9	1,7	2,0	19,1
São Fidélis	6,8	5,7	5,3	35,5
São Francisco de Itabapoana	7,0	6,3	5,9	36,6
São João da Barra	3,6	3,4	4,0	59,9
<b>Total (Região)</b>	<b>514.644</b>	<b>611.576</b>	<b>698.783</b>	<b>71,4</b>

Fonte: Censos demográficos de 1980, 1991 e 2000.

Obs.: Os municípios de Carapebus Cardoso Moreira, Quissamã e São Francisco de Itabapoana foram criados após 1980, os dados aqui estão desagregados.

Macaé, desde a primeira metade do século XIX, é reconhecidamente expressiva em termos de economia agro-industrial apoiada na cana-de-açúcar, exercendo também a função de cidade comercial a partir do desenvolvimento do porto de Imbetiba, em 1846. Nas últimas décadas, aproximadamente a partir do final da década de 70, o município vem despontando como centro regional em decorrência das atividades de extração de petróleo e gás natural na Bacia de Campos.

Geralmente o conceito de desenvolvimento está ligado a um processo de transformação da estrutura produtiva e do emprego, com perda de peso das atividades agrícolas e pecuárias e aumento da participação das atividades secundárias (indústria, etc.) e terciárias (serviços). Este termo também pode ser associado à noção de progresso, no sentido da modernização e do material tecnológico, revelando crescimento econômico.

## **2. A PARTICIPAÇÃO DE HOMENS E MULHERES NO MERCADO DE TRABALHO EM CAMPOS E MACAÉ**

Não se pode contestar que todo o processo de industrialização desencadeado na Região Norte Fluminense, a partir de finais da década de 70, gerou um processo de desenvolvimento local, provocando grandes mudanças no mercado de trabalho nessa área. Pretendemos analisar aqui os municípios de Campos e Macaé em relação às suas estruturas de atividade econômica, especialmente no que concerne à inserção da população nos setores da economia através do trabalho. Campos se destaca com um setor de comércio e serviços bastante intenso, maior empregador no município, enquanto Macaé além de apresentar essa dinâmica no setor terciário, apresenta também uma forte dinâmica da indústria, especialmente a extrativa mineral. Este último município possui um parque industrial modernizado, inserido na esfera global, com o desenvolvimento de alta tecnologia mediante a atuação da indústria petrolífera, onde as atividades econômicas desenvolvidas neste setor afetam profundamente os demais setores da economia, e a estrutura ocupacional muda bastante em vários aspectos.

Essa análise será realizada a partir da população dos municípios e sua inserção no mundo do trabalho no ano 2000, tendo como fio condutor um estudo por sexo, questionando se há diferenças significativas na participação de homens e mulheres no mundo do trabalho nas duas cidades, uma vez que apresentam um quadro de desenvolvimento e atividades econômicas diferenciadas, apesar de fazerem parte da mesma região, que é conhecida como “o norte fluminense do petróleo”.

Em termos populacionais, o estudo do mercado de trabalho é importante devido ao efeito das mudanças demográficas ser menos visível na evolução da força de trabalho, a dinâmica do mercado de trabalho também é fundamental na definição das condições sociais da população, reflete a evolução da economia, define níveis de renda, revelando de diversas formas a situação da população; e, além disso, é possível analisar a participação de homens e mulheres nesta situação.

Analisando toda a população dos municípios segundo condição de atividade e sexo, temos aqueles que correspondem à população abaixo de 10 anos, que não são considerados na População Economicamente Ativa. Tanto para homens quanto para mulheres, essa população está em torno de 18% da população total nos dois municípios.

Na tabela 2, observa-se que para ambos os sexos a proporção de pessoas ocupadas é maior em Macaé – 65,1% dos homens estão ocupados em Macaé, em Campos são 59,2% do total; quanto às mulheres, 38% e 32,1% delas estão ocupadas em Macaé e Campos, respectivamente. Inversamente, para aqueles que procuram trabalho e para os que não estão ocupados, os valores são mais elevados para as mulheres.

**Tabela 2 – Condição de Atividade segundo sexo, Campos e Macaé – 2000**

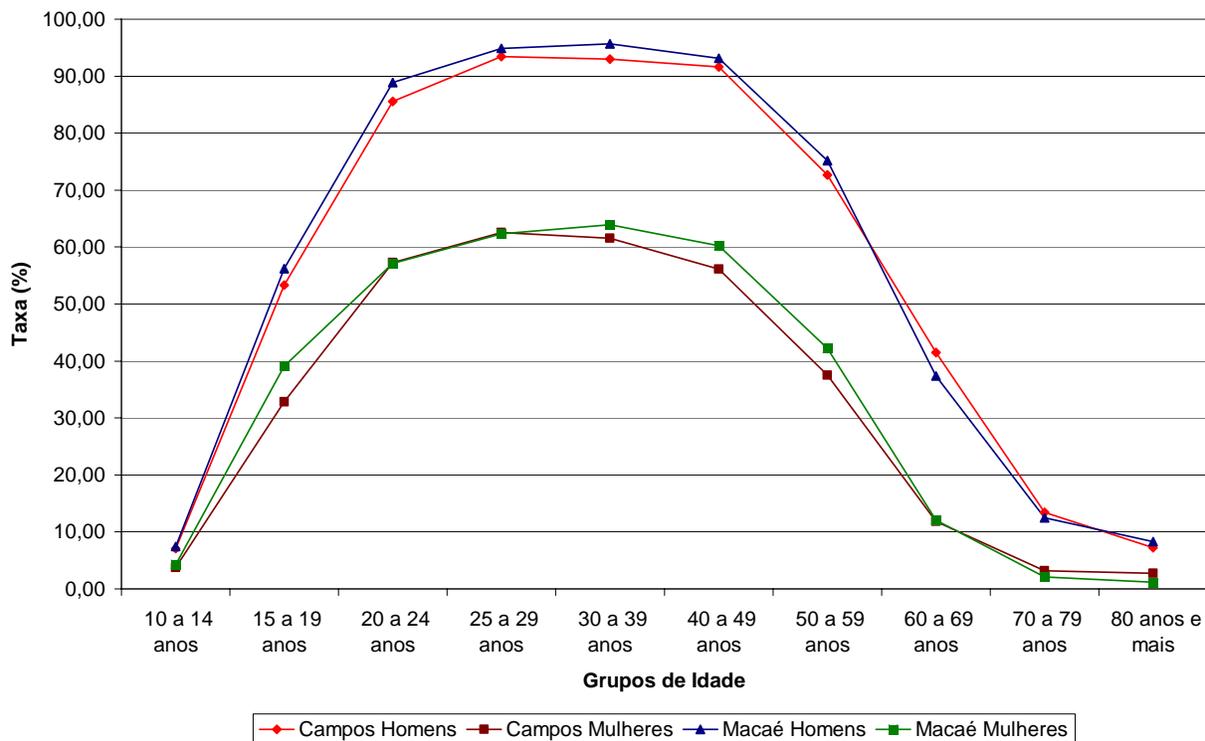
Condição de Atividade	Campos		Macaé	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Ocupado	59,2	32,1	65,1	38,0
Procurando trabalho	8,2	9,1	6,7	7,6
Não ocupado	32,6	58,7	28,2	54,4
Total	159.635	174.536	53.141	54.810

Fonte: Microdados – Censo Demográfico 2000.

A Taxa de Atividade Econômica é obtida através da População Economicamente Ativa (PEA) pela População Total, aqui estamos considerando por faixas de idade; esse indicador expressa a inserção da população em alguma atividade econômica (Gráfico 1). Trabalhando com toda a população acima de 10 anos – que pode ser considerada a População em Idade Ativa (PIA) – 58,5% desta população está inserida na PEA em Macaé e 53,75% em Campos.

Em relação a homens e mulheres separadamente, a taxa de atividade deles em 2000 foi de 71,8%, e para elas foi de 45,6% – menos da metade no município de Macaé; já no município de Campos 67,4% e 41,3% para homens e mulheres respectivamente – a participação é menor neste último município para ambos os sexos. O comportamento da taxa segundo a idade também é sempre inferior para as mulheres em todos os grupos etários.

Gráfico 1 – Taxa de Atividade Econômica por Sexo, Municípios de Campos e Macaé – 2000



Fonte: Microdados – Censo Demográfico 2000.

Para os homens e as mulheres, a maior inserção no mercado de trabalho em Macaé, é na idade de 30 a 39 anos, os homens chegam a mais de 95% nessa faixa que estão trabalhando. Em Campos, os homens também alcançam uma maior participação no trabalho nessa faixa etária, com uma taxa de 93%; mas as mulheres alcançam maior participação na idade de 25 a 29 anos – 63%. As mulheres mais velhas, geralmente em uma fase em que se encontram casadas e mães estão cada vez mais ganhando espaço no mercado de trabalho, mas o máximo que elas alcançaram foi em torno de 63% daquelas com 30 a 39 anos que trabalham em Macaé, e de 25 a 29 anos em Campos. Estudando a mão-de-obra feminina brasileira, Bruschini afirma que “as trabalhadoras que, até o final dos anos 70, em sua maioria, eram jovens, solteiras e sem filhos passaram a ser mais velhas, casadas e mães” (Bruschini, 2000, p.17). Portanto, a maior inserção da mulher no mercado de trabalho em Macaé se dá em uma idade mais avançada do que em Campos, podemos supor que Macaé tem acompanhado mais essas mudanças no padrão feminino de participação econômica por idade do que Campos, apresentando um processo de envelhecimento maior – o que pode evidenciar também uma preferência pelas mais experientes. Outras questões também se colocam neste ponto, como identificar o papel destas mulheres no que se refere à família confrontando com sua atuação no trabalho, o que veremos mais à frente.

A série de gráficos 2 mostra a população masculina e feminina segundo o trabalho, temos a linha referente à população total que, sendo de mais de 10 anos, seria a população em idade ativa (PIA); outra referente à população economicamente ativa (PEA); e uma que mostra a população ocupada em números absolutos. Cabe recordar aqui a diferença entre essas denotações

relativas ao trabalho<sup>2</sup>. A PIA expressa a população que está em idade de trabalhar, mas não está necessariamente trabalhando; a população ocupada se refere aos trabalhadores remunerados e àqueles não-remunerados que trabalham por mais de 15 horas semanais; a PEA corresponde, por sua vez, à população ocupada mais a população desocupada que estava procurando trabalho na última semana, segundo o Censo de 2000. A PEA corresponde a uma oferta efetiva de mão-de-obra enquanto a PIA expressa uma oferta potencial de trabalho (Machado, Oliveira e Wajzman, 2005).

A distância no gráfico entre essas populações revela a inserção da população no mercado de trabalho. Como podemos ver, a maior distância ocorre nas primeiras idades, uma maior proximidade vai se evidenciando com a idade adulta, sendo bem próxima na idade de 30 a 39 anos aproximadamente, como foi visto. A procura pelo trabalho é maior para os jovens, especialmente nas idades de 15 a 19 anos, mas também ainda evidente para aqueles de 20 a 25 anos.

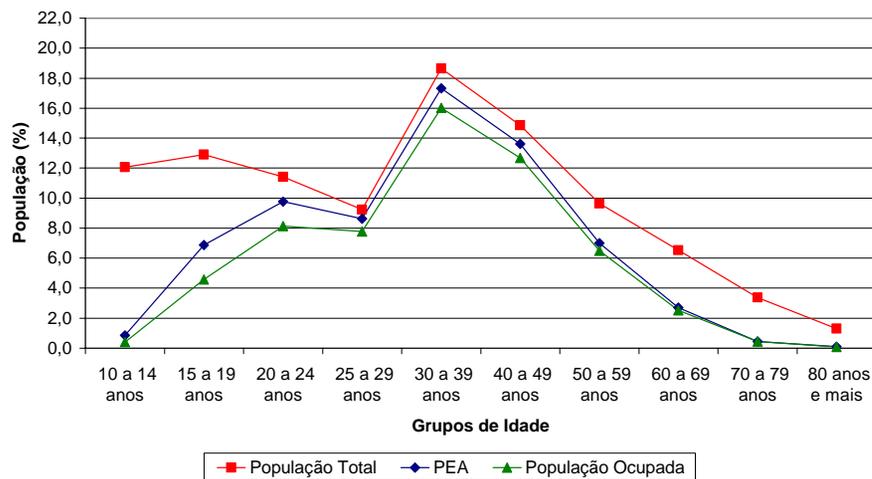
Para os homens, a partir de 25 anos, a proximidade entre a população ocupada e a PEA é grande, revelando uma desocupação não muito elevada. Quanto às linhas referentes à população feminina, podemos notar que a distância é bem maior. Existe um grande espaço entre a população total e a PEA, sendo maior ainda em relação à população ocupada, revelando uma procura sensivelmente maior por trabalho entre as mulheres. Podemos notar que em Campos, a procura por emprego é maior. Comparando a população feminina nos dois municípios, as linhas da PEA e da população ocupada em Macaé são mais elevadas.

---

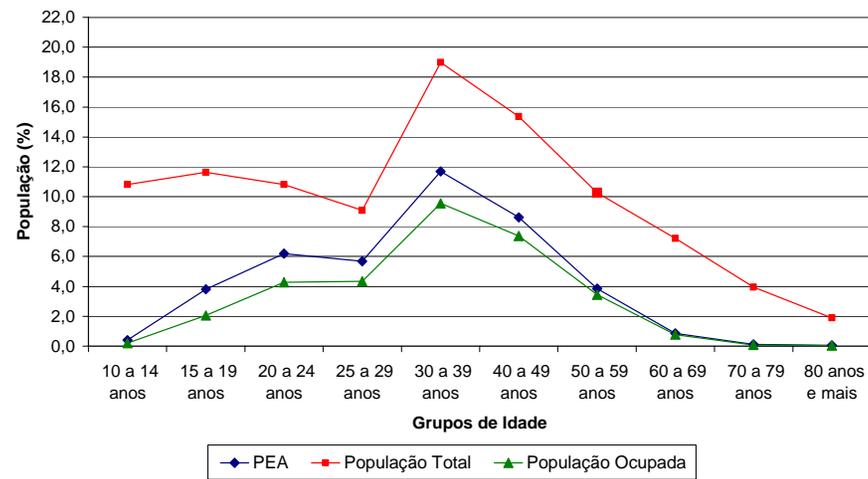
<sup>2</sup> Segundo o Censo Demográfico de 2000, como já foi mencionado, trabalho em atividade econômica é o exercício de trabalho remunerado, trabalho sem remuneração e trabalho na produção para o próprio consumo, na semana de referência do censo - 23 a 29 de julho de 2000.

Gráfico 2 – População Total, PEA e Ocupados por Sexo (%), Campos e Macaé, 2000

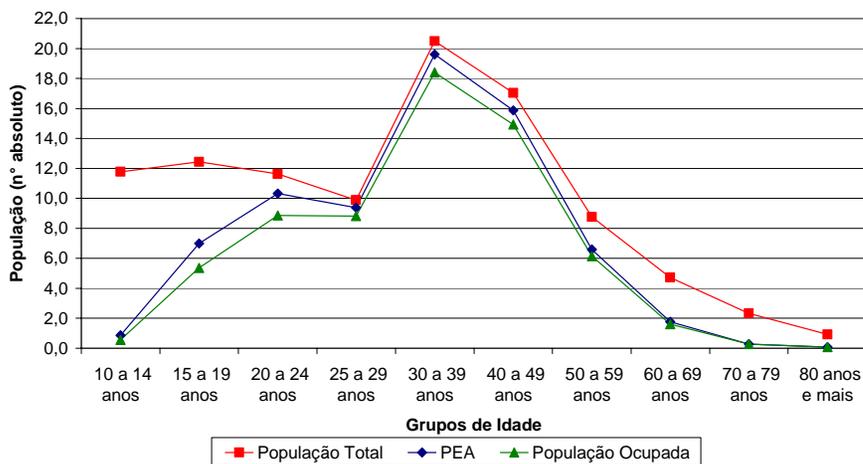
A - CAMPOS DOS GOYTACAZES, HOMENS - 2000



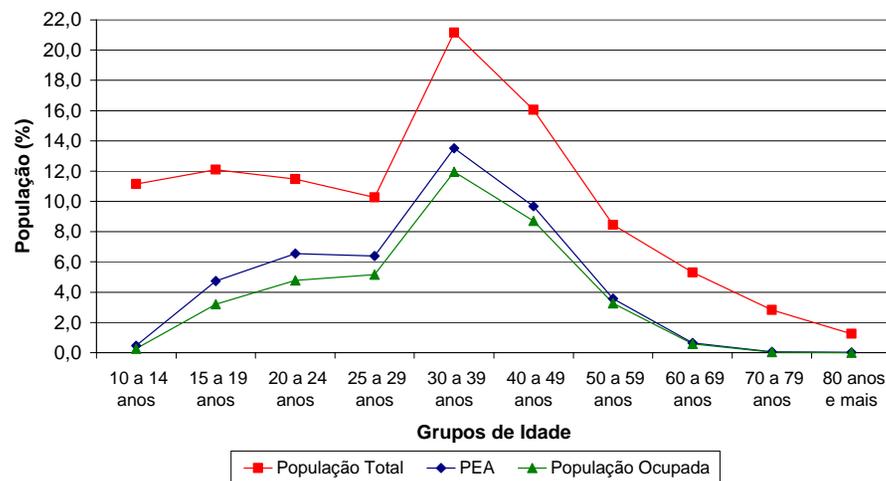
B - CAMPOS DOS GOYTACAZES, MULHERES - 2000



C - MACAÉ, HOMENS - 2000



D - MACAÉ, MULHERES - 2000



Fonte: Microdados - Censo Demográfico 2000.

De uma forma geral, já podemos notar, logo em um primeiro momento, a diferença entre a inserção feminina e masculina no mercado de trabalho. Resumindo, tanto para homens quanto para mulheres, o nível de ocupação é mais favorável em Macaé do que em Campos; nos dois municípios a maior inserção no mercado de trabalho ocorre na fase adulta; para os idosos, a participação em alguma atividade econômica é maior em Campos. Para as mulheres, a inserção no mercado de trabalho em Macaé ocorre numa idade mais elevada do que em Campos.

## 2.1. Composição da força de trabalho segundo sexo

Já trabalhando apenas com a população ocupada nos municípios considerados, pretendemos continuar analisando alguns diferenciais entre os trabalhadores e trabalhadoras. Através da Tabela 3, vemos que entre a população ocupada em Macaé, 47,4% são empregados com carteira assinada e 21,5% são empregados sem carteira assinada. Também há um percentual considerável de trabalhadores por conta própria, totalizando pouco mais de 20,5% dos ocupados. Esses números merecem considerável destaque. Apesar da informalidade também estar crescendo, característica essa de toda mudança no mundo do trabalho que vem ocorrendo no país como um todo e, de certa forma, também em Macaé, o município apresenta um crescimento bastante elevado do número de empregos formais, devido ao desenvolvimento do sub-setor de extrativismo mineral, relacionado à indústria petrolífera.

No município de Campos dos Goytacazes, a população ocupada empregada com carteira assinada era 36,4% e a que não tinha carteira assinada era aproximadamente 27,2% em 2000; os trabalhadores por conta própria abrangiam 23,7% da população ocupada. Machado e Andrade (1995) consideram como população ocupada no setor informal aqueles que são empregados sem carteira assinada e os trabalhadores por conta-própria; visto por esse ângulo podemos entender que os trabalhadores inseridos no setor informal em Campos são em porcentagem mais elevada do que em Macaé – em Campos, cerca de 50% da população ocupada é empregado sem carteira assinada e trabalhador por conta-própria; em Macaé, cerca de 42% se enquadram nestas categorias.

**Tabela 3 – Percentual da População segundo posição na ocupação, Campos e Macaé – 2000**

Município / Posição na ocupação	Campos			Macaé		
	Masculino	Feminino	Total	Masculino	Feminino	Total
Doméstico com carteira assinada	0,4	6,4	2,6	0,4	0,8	0,5
Doméstico sem carteira assinada	0,6	16,7	6,6	0,5	15,4	5,9
Empregado com carteira assinada	39,2	31,6	36,4	50,1	42,8	47,4
Empregado sem carteira assinada	28,6	24,8	27,2	21,3	21,9	21,5
Empregador	2,9	1,6	2,4	3,2	2,9	3,1
Conta-própria	27,3	17,6	23,7	23,6	15,0	20,5
Aprendiz ou estagiário s/ rem.	0,2	0,5	0,3	0,3	0,4	0,3
Não rem. Em ajuda no dom.	0,6	0,8	0,7	0,5	0,8	0,6
Trab. na produção p/ o próp. consumo	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Microdados – Censo Demográfico 2000.

De certa forma, os “nichos femininos”, como o trabalho doméstico, parecem abarcar significativa parcela da mão-de-obra feminina. A ocupação feminina em nichos mais desfavorecidos da atividade econômica revelam a precariedade de parte desta força de trabalho; as trabalhadoras domésticas abrigam 16,2% desta mão-de-obra em Macaé e 23,1% em Campos, sendo que a maioria delas não possui carteira assinada. Portanto, muitas trabalhadoras permanecem ocupando posições precárias no mundo do trabalho – em atividades domésticas e não-remuneradas elas predominam. O percentual de domésticas sem carteira é maior em Campos; já para as trabalhadoras na informalidade, elas constituem 42,4% da população ocupada em Campos e 36,9% em Macaé.

Em Macaé, aproximadamente metade dos homens ocupados trabalham com carteira assinada enquanto as mulheres são em torno de 42% nesta categoria. Em Campos, o percentual é menor, como vimos, para as mulheres em torno de 31% têm carteira assinada e aproximadamente 39% dos homens entram nessa categoria. Sendo assim, as mulheres em Macaé revelam estar em situação de formalidade melhor do que os próprios homens no município de Campos.

A participação da população ocupada segundo setores de atividade nas duas cidades pode ser observada no gráfico 3. Verifica-se que esta distribuição dos ocupados segundo os setores de atividade se dá diferencialmente entre Campos e Macaé. O setor relativo a comércio, reparação de veículos automotores e de objetos pessoais e domésticos aparece com maior número de trabalhadores em ambos os municípios, mas podemos perceber que sua abrangência é um pouco maior em Campos dos Goytacazes, com 19,5% da população ocupada neste setor, enquanto Macaé apresenta 16,5% dos ocupados nesta categoria.

Aparentemente, as diferenças não são tão consideráveis observando a população total, entretanto, através do conhecimento que já se tem sobre a atividade econômica em Campos empiricamente, se sabe que o setor de comércio e serviços em Campos é de grande destaque, especialmente o sub-setor de Comércio Varejista, que vem apresentando um crescimento elevado, com a criação de quase 4 mil novos postos de trabalho durante o período de 2000 a 2003, como confirma as informações do Observatório Sócio-Econômico do Norte Fluminense:

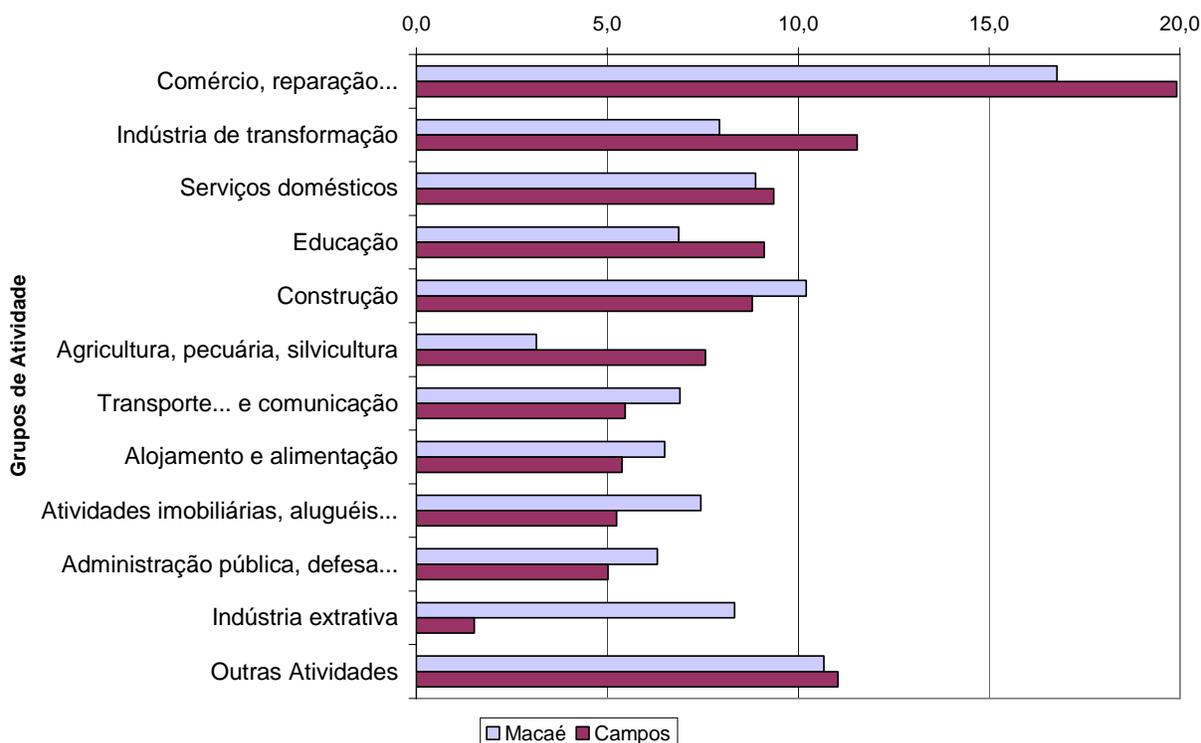
“A grande importância do Comércio Varejista como segmento gerador de postos de trabalho na economia campista pode ser creditada, dentre vários outros fatores, ao dinamismo econômico provocado pela renda de um grande número de funcionários públicos estatutários dos governos federal, estadual e municipal lotados no município, (...) ou mesmo do grande número de prestadores de serviços à Prefeitura Municipal de Campos dos Goytacazes” (p. 11).

O setor relativo a serviços domésticos também abrange em torno de 8,9% e 9,4% dos ocupados Macaé e Campos, respectivamente. Quanto ao setor industrial, podemos notar que ele abarca quase 13,0 % da população ocupada em Campos, sendo que é mais amplo na indústria de transformação (11,5%) do que nas indústrias extrativas. Em Macaé, o setor industrial é mais dinâmico, com uma indústria extrativa forte, justamente pela atividade petrolífera desenvolvida em seu espaço, tendo aproximadamente 16,2% do pessoal ocupado no setor industrial, com um peso mais dividido entre a indústria extrativa e de transformação, além disso, o setor de construção também possui um percentual pouco maior de ocupados em Macaé.

Setores como educação e construção também se revelam significativos no município de Campos, abrangendo 9,1% e 8,8% da população ocupada respectivamente. O setor agrícola também é bem mais expressivo neste município do que em Macaé. Em Campos, a agricultura, a

pecuária e a silvicultura correspondem a 7,6% dos ocupados, enquanto em Macaé este percentual chega a quase 3,2% apenas. Neste último município, os setores de Atividades imobiliárias, aluguéis e serviços prestados às empresas; Transporte, armazenagem e comunicação; Alojamento e alimentação, também apresentam significativa inserção de pessoal, evidenciando crescimento nos últimos anos, por estarem sendo influenciado indiretamente pela dinâmica do setor petrolífero.

Gráfico 3 – Distribuição da População Ocupada por Grupos de Atividade (%), Campos e Macaé – 2000



Fonte: Microdados – Censo Demográfico 2000.

Portanto, podemos notar que Macaé apresenta um setor industrial mais intenso e dinâmico do que o município de Campos, este tem como grande empregador o setor terciário da economia. Resta saber se este maior dinamismo imprime diferenciais por sexo distintos nos dois municípios, no que se refere à inserção destes nos setores de atividade. Sobre a inserção de homens e mulheres nos setores de atividade, Melo (2000) afirma que:

“(...) a entrada das mulheres no mercado de trabalho não foi acompanhada de uma diminuição das desigualdades econômicas entre os sexos. O emprego feminino continua sendo concentrado em alguns setores de atividade e agrupado em um pequeno número de profissões, embora numa proporção menor, sendo essa segmentação a base das desigualdades entre homens e mulheres no mercado de trabalho” (p.1).

Analisando a inserção da população ocupada em Campos e Macaé de acordo com o sexo, nota-se que os diferenciais entre a inserção de homens e mulheres – no que se refere aos setores da atividade econômica – estão mais relacionados com a própria dinâmica da atividade econômica de cada município. Macaé, por ter uma maior dinâmica na indústria extrativa, no setor imobiliário e de alojamento e alimentação, entre outros, também apresenta um percentual um pouco mais elevado de mulheres atuando nestes setores do que em Campos.

**Tabela 4 – População Ocupada segundo Grupos de Atividade e Sexo, Campos e Macaé – 2000**

Grupos de atividade	Campos			Macaé		
	Homem	Mulher	Total	Homem	Mulher	Total
Agricultura, pecuária, silvicultura	10,7	2,0	7,4	4,5	0,8	3,1
Pesca	0,8	0,1	0,6	2,7	0,1	1,7
Indústria extrativa	2,3	0,2	1,5	11,2	3,3	8,2
Indústria de transformação	13,7	7,3	11,3	8,9	6,1	7,8
Produção... de eletricidade, gás e água	0,9	0,2	0,7	1,2	0,3	0,8
Construção	13,5	0,4	8,6	15,8	0,5	10,1
Comércio, reparação...	21,4	16,5	19,6	17,2	15,4	16,5
Alojamento e alimentação	4,8	6,2	5,3	5,3	8,2	6,4
Transporte... e comunicação	8,0	1,0	5,4	9,0	3,1	6,8
Intermediação financeira	0,7	0,8	0,7	0,6	0,8	0,7
Atividades imobiliárias, aluguéis...	6,1	3,6	5,2	7,9	6,5	7,3
Administração pública, defesa...	5,7	3,6	4,9	6,5	5,7	6,2
Educação	2,7	19,5	8,9	2,1	14,5	6,8
Saúde e serviços sociais	2,3	8,1	4,5	1,6	7,1	3,7
Outros serviços... sociais e pessoais	3,6	5,9	4,4	2,8	4,9	3,6
Serviços domésticos	1,0	23,1	9,2	1,0	21,7	8,8
Mal especificadas	2,0	1,6	1,8	1,9	0,9	1,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Microdados – Censo Demográfico 2000.

De uma forma geral, podemos destacar a população feminina inserida principalmente, em relação aos homens, nos serviços relacionados à saúde, educação e serviços domésticos, também em comércio e reparação de veículos, etc. Portanto, aqui, sem muita associação com o lugar ou com a dinâmica da atividade econômica predominante neste lugar (Campos com um setor terciário bastante forte e Macaé com uma atividade industrial intensa), as trabalhadoras continuam ainda atuando em serviços considerados tipicamente femininos.

Considerando o nível de instrução apenas entre a população já ocupada (Tabela 5), enquanto 6,6% dos homens ocupados não tinham instrução ou tinham menos de 1 ano em Campos, esse percentual em Macaé era de 4,8%, ou seja, menos homens ocupados nessa categoria. Para as mulheres, 3,8% em Campos entram nessa categoria e em Macaé 2,9% das ocupadas. Percebe-se também que para as categorias com até 10 anos de estudo, o percentual de homens é maior do que o de mulheres em Campos, já em Macaé, a partir de 8 anos de estudo o percentual de mulheres já é maior, ou seja, a possibilidade de inserção é maior neste último

município. Para a população ocupada que tem de 11 a 14 anos de estudo e 15 anos ou mais, o percentual de mulheres é maior.

Em Campos e Macaé, a maior concentração de homens está na categoria de 4 a 7 anos de estudo; enquanto as mulheres, a maior parte apresenta 11 a 14 anos de estudo, tudo isso revela como as mulheres são mais escolarizadas do que os homens. Portanto, a associação entre fazer parte da população ocupada e nível de instrução é bem mais intensa para as mulheres do que para os homens.

**Tabela 5 – População Ocupada por Anos de Estudo segundo o Sexo, Campos e Macaé – 2000**

Classes de Anos de Estudo	Campos		Macaé	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Sem instrução ou menos de 1 ano	6,6	3,8	4,8	2,9
De 1 a 3 anos	16,5	11,2	13,3	9,1
De 4 a 7 anos	35,8	25,6	34,2	27,0
De 8 a 10 anos	17,5	15,6	19,1	20,1
De 11 a 14 anos	19,0	32,6	21,6	31,6
15 anos ou mais	4,6	11,3	7,0	9,3
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Microdados – Censo Demográfico 2000.

Foi possível notar aqui o grande percentual de trabalhadores no setor formal da economia em Macaé, mais do que em Campos, com um grande percentual de trabalhadores com carteira assinada principalmente. Quanto aos ramos de atividades, constatamos também a grande participação de mulheres na atividade doméstica, muitas sem carteira assinada nos dois municípios. Além disso, a população ocupada em Macaé se destaca na indústria extrativa e também em comércio e construção; em Campos, o destaque para estes dois últimos é maior, sendo também em educação. O percentual de ocupados em serviços domésticos é elevado, certamente devido à presença feminina nesta atividade.

## **2.2. Diferenças salariais em Campos e Macaé: rendimentos e jornada de trabalho de Homens e Mulheres**

O Brasil tem uma das diferenças salariais entre homens e mulheres mais altas da América Latina. A questão da segregação ocupacional vista anteriormente poderia não ser tanto uma questão-problema se a média dos salários fosse equivalente e compatível com a educação e a experiência dos trabalhadores e trabalhadoras (Banco Mundial, 2003, p. 77). Entretanto, mais uma vez, apesar de um maior nível de instrução das mulheres, podemos constatar os significativos diferenciais por sexo no que se refere ao rendimento dos trabalhadores em Campos e Macaé.

A melhor situação do mercado de trabalho em Macaé coloca as trabalhadoras deste município em melhores situações que as de Campos, em alguns casos, até em melhores situações que os homens de Campos. Assim, apesar de ainda existir discriminação no mercado de trabalho por sexo, estas diminuem à medida que o mercado de trabalho se amplia e se especializa.

A fim de averiguar como se apresentam as diferenças salariais para as gerações mais jovens e mais escolarizadas, controlamos o rendimento por horas trabalhadas, relacionando ainda com a idade e os anos de estudo (Tabelas 6 a 9). No Município de Campos dos Goytacazes, quase todos os trabalhadores recebem menos de R\$ 1,00 por hora trabalhada, não há diferenças muito significativas entre os sexos e entre as gerações, apesar de haver um pouco mais de trabalhadores do sexo masculino que recebem de R\$ 1,00 a R\$ 5,00 e que têm 45 anos ou mais de idade (Tabela 6).

**Tabela 6 – Rendimento mensal por hora trabalhada em R\$ - por sexo e idade, Campos – 2000**

Sexo	Classes de Idade	Rendimento por hora trabalhada por mês em R\$				Total
		Menos de 1,00	De 1,00 a 5,00	De 5,00 a 10,00	Mais de 10,00	
Homens	Menos de 24	100,0	0,0	0,0	0,0	100,0
	De 25 a 44	99,1	0,7	0,2	0,1	100,0
	45 e mais	96,7	2,6	0,7	0,0	100,0
	Total	98,6	1,0	0,3	0,0	100,0
Mulheres	Menos de 24	99,9	0,0	0,1	0,0	100,0
	De 25 a 44	99,4	0,5	0,1	0,0	100,0
	45 e mais	98,7	0,7	0,7	0,0	100,0
	Total	99,4	0,4	0,2	0,0	100,0

Fonte: Microdados – Censo Demográfico 2000.

Já em Macaé, as diferenças de rendimento por hora trabalhada são mais expressivas. De uma forma geral, os trabalhadores recebem em torno de R\$ 1,00 a R\$ 5,00 por hora de trabalho, ou seja, o valor recebido por cada hora de trabalho é maior do que em Campos. Em Macaé, com o aumento da idade, o rendimento por hora de trabalho também aumenta. Analisando as diferenças por sexo, as mulheres sobressaem um pouco mais do que os homens na faixa de menos de R\$1,00. De R\$ 1,00 a R\$ 10,00, as mulheres com menos de 24 anos e aquelas de 25 a 44 anos, ganham mais do que os homens, mas na faixa mais elevada – mais de R\$10,00 por hora de trabalho, os homens apresentam um percentual maior.

**Tabela 7 – Rendimento mensal por hora trabalhada em R\$ - por sexo e idade, Macaé – 2000**

Sexo	Classes de Idade	Rendimento por hora trabalhada por mês em R\$				Total
		Menos de 1,00	De 1,00 a 5,00	De 5,00 a 10,00	Mais de 10,00	
Homens	Menos de 24	27,7	67,1	4,1	1,1	100,0
	De 25 a 44	8,5	64,6	13,3	13,6	100,0
	45 e mais	12,3	55,6	15,3	16,9	100,0
	Total	13,7	63,2	11,7	11,5	100,0
Mulheres	Menos de 24	32,3	59,4	6,5	1,8	100,0
	De 25 a 44	16,1	59,1	17,2	7,6	100,0
	45 e mais	17,9	56,8	15,0	10,2	100,0
	Total	20,0	58,7	14,5	6,8	100,0

Fonte: Microdados – Censo Demográfico 2000.

Além da questão da idade, analisamos também as diferenças salariais por anos de estudo. É possível notar que em Campos, mais uma vez, os trabalhadores se concentram nas menores faixas de rendimento por hora trabalhada, para aqueles que possuem 15 anos ou mais de estudo, esse rendimento se apresenta um pouco maior, entretanto, os homens ainda se destacam nesta categoria, 11,0% deles recebem de R\$ 1,00 a R\$ 5,00 e quase 3,0% recebe de R\$ 5,00 a R\$ 10,00. Na faixa de mais de R\$ 10,00, há apenas um percentual muito reduzido de homens que possuem de 8 a 14 anos de estudo.

**Tabela 8 – Rendimento mensal por hora trabalhada em R\$ segundo sexo e anos de estudo, Campos – 2000**

Sexo	Classes de Anos de Estudo	Rendimento por hora trabalhada por mês em R\$				Total
		Menos de 1,00	De 1,00 a 5,00	De 5,00 a 10,00	Mais de 10,00	
Homens	Até 7	99,7	0,2	0,0	0,0	100,0
	De 8 a 10	99,0	0,7	0,2	0,1	100,0
	De 11 a 14	98,1	1,3	0,5	0,1	100,0
	15 ou mais	86,2	11,0	2,9	0,0	100,0
	Total	98,6	1,0	0,3	0,0	100,0
Mulheres	Até 7	99,8	0,1	0,1	0,0	100,0
	De 8 a 10	99,9	0,0	0,1	0,0	100,0
	De 11 a 14	99,5	0,3	0,2	0,0	100,0
	15 ou mais	96,6	2,7	0,7	0,0	100,0
	Total	99,4	0,4	0,2	0,0	100,0

Fonte: Microdados – Censo Demográfico 2000.

É possível observar que em Macaé, a questão da idade e da escolaridade influencia mais do que em Campos no rendimento por hora de trabalho. Apesar das mulheres serem mais escolarizadas, como já foi visto, elas recebem menos que os homens por cada hora de trabalho. Para os trabalhadores com 15 anos ou mais de estudo, quase 70% dos homens recebe mais de R\$ 10,00 por hora, já as mulheres são em 31% nesta faixa, portanto, novamente vemos que as mulheres têm que fazer muito mais em termos de educação e qualificação para tentar competir igualmente com os homens no mercado de trabalho. Sendo assim, em Macaé, os anos de estudo parecem fazer mais diferença no rendimento do que em Campos.

**Tabela 9 – Rendimento mensal por hora trabalhada em R\$ segundo sexo e anos de estudo, Macaé – 2000**

Sexo	Classes de Anos de Estudo	Rendimento por hora trabalhada por mês em R\$				Total
		Menos de 1,00	De 1,00 a 5,00	De 5,00 a 10,00	Mais de 10,00	
Homens	Até 7	19,7	72,5	5,6	2,1	100,0
	De 8 a 10	12,6	72,2	10,9	4,4	100,0
	De 11 a 14	4,3	50,1	24,3	21,3	100,0
	15 ou mais	0,8	10,7	20,1	68,4	100,0
	Total	13,7	63,2	11,7	11,5	100,0
Mulheres	Até 7	32,5	63,5	2,4	1,5	100,0
	De 8 a 10	21,2	69,1	6,5	3,2	100,0
	De 11 a 14	9,1	58,5	24,4	7,9	100,0
	15 ou mais	3,4	20,1	45,5	31,0	100,0
	Total	20,0	58,7	14,5	6,8	100,0

Fonte: Microdados – Censo Demográfico 2000.

Outros fatores também podem ser citados como determinantes para o menor rendimento das mulheres, como os setores econômicos em que trabalham, a posição na ocupação ou vínculo, e as próprias ocupações em que elas atuam. Consideramos aqui as horas trabalhadas e o nível de instrução, e mesmo em classes semelhantes foi possível notar que ocorre o diferencial observado no todo.

A análise do mercado de trabalho é de suma importância diante das transformações recentes na Região Norte Fluminense, especialmente nos municípios de Campos e Macaé, que mais passaram por evidentes mudanças. Além disso, é interessante analisar a inserção da população no mundo do trabalho, mas também uma análise daqueles já inseridos em alguma atividade econômica, ou seja, os diferenciais entre a própria população já ocupada.

## CONCLUSÃO

Os estudos do trabalho em muito se relacionam com os estudos populacionais, afinal é o próprio contexto sócio-econômico e político no qual a população se encontra que contribui para determinar sua inserção em alguma atividade econômica. Não obstante, quando analisamos a participação de homens e mulheres no trabalho, e as suas possibilidades e condições de inserção podemos notar a desigualdade. Entretanto, as desigualdades de gênero quanto à inserção no trabalho são aspectos que tem apresentado superação histórica e significativa, mas muitas diferenças ainda são evidentes.

Afinal, mesmo diante das conquistas femininas já mencionadas, elas continuam com papéis essenciais na família e desfrutam de condições de trabalho muito aquém das condições masculinas. Portanto, a mão-de-obra feminina é caracterizada por conquistas e permanências. Como conquistas podemos citar as mudanças nos padrões demográficos e culturais e o maior acesso à educação que contribuiu também para aumentar a participação da mulher no trabalho. Como permanências, é possível destacar a concentração feminina em determinados setores da

economia, os menores salários, o desempenho de papéis domésticos e familiares e as condições precárias de trabalho.

Os municípios de Campos e Macaé devido às suas estruturas de atividade econômica diferenciadas, especialmente no que concerne à inserção da população nos setores da economia através do trabalho, apresentam algumas semelhanças na inserção de homens e mulheres que independem do lugar, mas algumas diferenças também podem ser apreendidas.

A proporção de pessoas ocupadas em Macaé é superior a Campos para ambos os sexos, mas quanto a inserção no mundo do trabalho por idade, foi possível notar a população feminina em Macaé apresenta proporção de ocupadas nas idades mais avançadas. De uma forma geral, as maiores chances de estar trabalhando ocorre na fase adulta para ambos os municípios.

Quanto aos diferenciais entre a PIA, a PEA e a população ocupada, estas são mais distantes na fase jovem, e se aproximam na fase adulta. Sendo a diferença entre a PEA e a população ocupada essencialmente a procura por trabalho, foi possível notar que esta busca é maior em Campos. Para as mulheres estas diferenças são bem maiores do que para os homens, a procura por trabalho também é sensivelmente maior entre as mulheres. Os diferenciais femininos e masculinos no que se refere à participação nos setores da atividade econômica estão relacionados com a própria dinâmica da atividade econômica nos dois municípios. Quanto ao rendimento, os diferenciais por sexo são maiores em Campos do que em Macaé.

De uma forma geral, a urbanização e a industrialização geram uma maior demanda por mão-de-obra, onde as mulheres em especial conseguem maiores possibilidades de inserção no mercado de trabalho, como foi possível constatar em Macaé, de forma mais abrangente do que em Campos dos Goytacazes. Entretanto, essa inserção ainda ocorre para setores direcionados mais especificamente para elas do que para eles, ou seja, a segregação por sexo mesmo no contexto de dinamismo econômico como em Macaé se evidencia.

Devemos ter em mente que o processo de desenvolvimento e crescimento econômico vivido pela Região Norte Fluminense, e mais intensamente por Macaé deve gerar condições para a contínua inserção de homens e mulheres, não apenas em termos quantitativos, mas que essa inserção represente também uma forma de equidade entre homens e mulheres.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BANCO MUNDIAL. “A Questão de Gênero no Brasil”. Departamento de Política Econômica e Redução da Pobreza, 2003.

BRUSCHINI, Cristina. “Gênero e Trabalho no Brasil: Novas Conquistas ou Persistência da Discriminação?” (Brasil, 1985/95). In: ROCHA, Maria Isabel Baltar (org.). Trabalho e gênero: mudanças, permanências e desafios. Campinas: ABEP, NEPO/UNICAMP e CEDEPLAR/UFMG / São Paulo: Ed. 34, 2000.

ERVATTI, Leila Regina. “Dinâmica Migratória no Estado do Rio de Janeiro na Década de 90: Uma Análise Mesorregional”. Dissertação de Mestrado. IBGE/ENCE, 2003.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Documentação dos Microdados da Amostra, Novembro de 2002.

MACHADO, Ana Flávia & ANDRADE, Mônica Viegas. “Setor informal: Porta de entrada para o migrante?”. IV Encontro Nacional de Estudos do Trabalho. Anais, ABET, Vol. II, 1995, p. 627-642.

MACHADO, Ana Flávia, OLIVEIRA, Ana Maria H. C., WAJNMAN, Simone. “Sexo Frágil? Evidências sobre a inserção da mulher no mercado de trabalho brasileiro. Coletâneas Gelre – Série Estudos do Trabalho, agosto de 2005.

MAGNAGO, Angélica Alves. “A divisão regional brasileira – uma revisão bibliográfica”. Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro, v. 57, n.4, 1995.

MELO, Hildete Pereira de. “O Trabalho Industrial Feminino”. Rio de Janeiro: IPEA, out. 2000 (Texto para Discussão, 764).

NATAL, Jorge L. A. & OLIVEIRA, A. Mercado de Trabalho e dinâmica espacial: uma análise à luz da positiva e recente inflexão econômica do Estado do Rio de Janeiro. In: Encontro Nacional da ANPUR, X, Belo Horizonte, 2003.

Observatório Sócio-Econômico da Região Norte Fluminense. “A Evolução do emprego Formal na Região Norte Fluminense: Uma Análise do período de 1997-2004”. Boletim Técnico N° 12, jul. 2004.